

# «**DIOGO-CAÃO**»

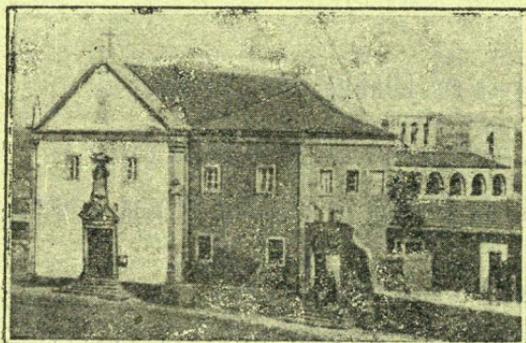
**Revista Ilustrada**

— de —

**Assúntos Históricos Angolanos**

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —



## — SUMÁRIO —

História Eciesiástica - Missionística - O Convento de Nossa Senhora do Carmo na Cidade de Luanda - Catálogo dos Governadores de Angola - Tristão da Cunha - Senado da Câmara - História Geral das Guerras Angolanas - Continuação do Livro de Lopes & Pigafetta - Miscelânea - Tempo, saúde... - Origem do nome Pôrto-Alexandre - Degredados italianos em Angola - O bispo eleito dom frei Francisco de Santo-Tomás - Os jesuitas em Angola

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

— 1934 —

# «DIOGO-CAÃO»

== CAIXA POSTAL 362 ==

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

## PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso  
Superior de Bibliotecário-Arquivista

---

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias :

**MINERVA**, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

**LUSITANA**, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso ..... 5,00

Pelo correio e registado..... 6,00

Também ali se encontram à venda números da I série

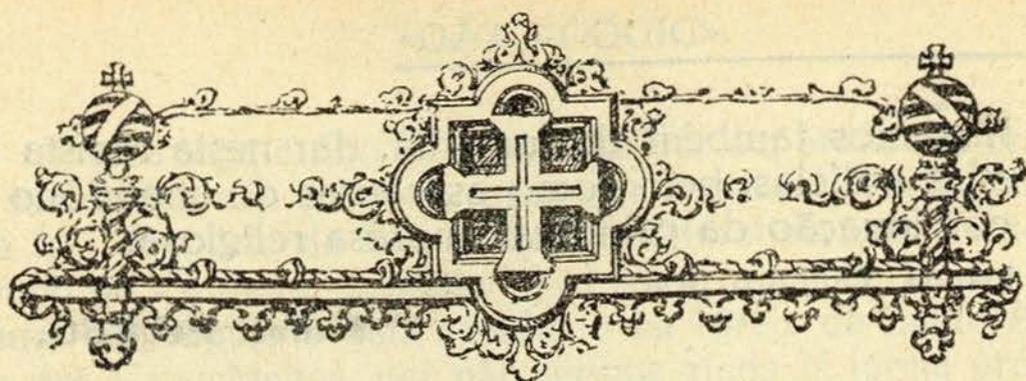
---

Vendem-se algumas colecções da I série :

Os 10 números em brochura..... 55\$00

Num volume cartonado ..... 60\$00

Número avulso da II série, em Lisboa .... 3\$50



# História Ecclesiástica

## Missionística



POR MAIS DE UMA VEZ, NESTA revista temos feito referências à fundação do Convento do Carmo da Cidade de Luanda: podem os nossos Leitores, se quiserem, ler ou reler o que já ficou escrito às páginas 289 a 292 da nossa primeira série.

Nesta secção de «Missionários & Missões», náda mais tencionamos do que citar documentos de valor verdadeiro, e justamente apreciáveis.

Relativo aos Frades Franciscanos, cujo convento de Sam-José ficava onde hoje se ergue o majestoso Hospital-Central de Luanda, encontrámos, há días, na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, um manuscrito muito curioso, que havemos também de publicar nesta revistinha.

Os trechos presentes são tirados ou copiados da *Crónica da Província de Sam-Filipe dos Carmelitas Descalços, no Reino de Portugal e suas Conquistas*, manuscrito algo artístico, que existe na Biblioteca Nacional de Lisboa, na secção dos Reservados, fúndo antigo, números 8207-8210.

Das lévas, ou tentativas, de Frades Carmelitas pãra as missões de Congo, em 1582, 1583 e 1584, trata frei Belchior de Sant'Ana às pãginas 106-123 ou sejam os §§ 120-136, e 508-510 ou sejam os §§ 600-602 do primeiro tãmo impresso da *Crónica dos Carmelitas Descalços*, Lisboa, 1657.

Havemos também de, um dia, dar nesta revista tôdas estas notícias, bem como as causas do abandono ou não continuação da primeira emprêsa religiosa.

Lisboa. Outubro/1934.

*Padre POMBO.*

I

## O Convento de Nossa Senhora do Carmo na Cidade de Luanda

Logo que a senhora Rainha Dona Luíza de Gusmão tomou posse do governo desta monarquia, na menoridade de seu filho dom Afonso VI, por morte de el-rei dom João IV, sucedida a 6 de Novembro de 1656, entre os cuidados da conservação do Reino, que então ardia em guerras, se não esquecia do aumento das Conquistas; e, considerando que o melhor meio para estender o domínio nos dilatados Reinos de Congo e Angola era a conversão da gentildade daquelas terras, não obstante que nelas trabalhavam com grande fruto espiritual algumas Famílias Religiosas, — julgou que para tam grande seára eram poucos os Obreiros Evangélicos, e por esta causa determinou mandar-lhes companheiros que os ajudassem em tam santa emprêsa.

Para este fim pôs os olhos nos Filhos de Santa-Teresa, assim pela cordeal devoção que tinha à mesma Santa, como também pelo bom exemplo que davam em tôda a parte e desinterêsse grande das coisas temporais que neles se via, — circunstância muito atendível em todos os Ministros-de-Cristo que partem para as Conquistas.

Em consequência desta resolução, fez chamar ao Padre-Provincial que então era, a terceira vez, desta Província — nosso padre frei Sebastião da Conceição (o mata mouros), e lhe ordenou à cústa da Fazenda-Real: mandasse preparar alguns religiosos, para que fôsem fundar um Convento na cidade de Luanda, capital do Reino-de-Angola, donde mais comodamente pudessem sair às Missões do sertão, do que o Padre-Provincial lhe beijou a mão em nome de tôda a Província pela mercê grande que lhe fazia e bom conceito que tinha dos Religiosos.

Tratou logo o dito Provincial de pôr em prática as ordens de sua Majestade e avisou, pãra que fizessem jornada, ao padre frei Gregório de Santa-Teresa, natural de Sam-Verão, no campo de Coímbra, professo de Lisboa, que faleceu no convento de Angola e está sepultado na Igreja de Santo-António dos Capuchinhos, por não termos ainda lá igreja própria, o qual foi eleito primeiro prior desta fundação pouco antes de partir, no Difinitório de Maio de 1659 e ao seu Superior o padre frei Luís de Santo-António, natural e professo de Lisboa, que Deus levou pãra si no convento de Nossa Senhora dos Remédios da sua pátria, em 1669, como veremos no dito ano.

Nomeou mais, pãra acompanharem a êstes, oito religiosos seguintes:

I — O padre frei Domingos das Chagas, natural de Bal-dise, comarca e bispádo de Lamego, professo de Lisboa que acabou a vida em Angola e se lhe deu sepultura na igreja do colégio da Companhia-de-Jesus, por não a haver ainda no nosso convento daquela Cidade.

II — O padre frei Bernardo da Conceição, natural da vila de Barcos, bispádo de Lamego, professo de Lisboa, que faleceu no mar em 1661, vindo de Angola pãra o Reino e o levaram a Pernambuco, onde descança na igreja dos nossos Padres da Observância.

III — O padre frei Tomás de Jesus (*o Cassangue*), assim chamado pelo grande fruto que fez na Missão das terras dêste nome, o qual foi natural de Louriceiro, termo da vila de Alcanede, professo de Lisboa, e depois o levou Deus pãra si no convento eremítico de Santa-Cruz do Buçaco, em 1687, como então se verá.

IV — O padre frei Diogo de Santo-Alberto (*o Cálças*), natural de Alqueidão-da-Sérra, professo de Lisboa, que acabou a vida no convento dos Remédios de Lisboa, em 1698, de quem se falará no dito ano.

V — O padre frei António de Santa-Teresa, natural e professo de Lisboa, de quem se dará notícia no ano de 1660, em que Deus o levou pãra si no convento de Luanda.

VI — O padre frei Elias de Santo-António, natural da freguesia de Sam-Pedro Fins, termo e comarca de Unhão, professo de Lisboa, de quem falaremos no ano de 1717, em que faleceu no colégio de Nossa Senhora do Carmo de Viança.

E dois Irmãos-Donatos : Domingos de Santo-António e José de Santa-Teresa. Embarcaram todos êstes Religiosos, menos o último, em 30 de Maio de 1659, e ao outro dia, que era véspera do Espírito-Santo, deram à vela em um Patacho, de que era capitão e mestre Gaspar Rodrigues Sobrinho, natural da vila de Viana-do-Líma, e piloto Domingos Lopes Ferreira, natural de Leça, junto ao Pôrto.

Com seis dias de navegação avistaram a Ilha-da-Madeira ; a 9 do mês de Junho passaram a da Palma ; a 18 ancoraram na vila da Praia, em Cabo-Verde. No dia 21, foi à terra o Padre Prior, levando por companheiro o padre frei António de Santa-Teresa e ali acharam ao padre frei Domingos de Santo-Ángelo, natural da ilha de Sant'Iago, que tinha sido expulso da Religião e então era cónego naquela Cathedral, e vivia com grande crédito e opinião de virtuoso, o qual os recebeu com muito amor e alegria, e, depois, veio à embarcação ver os demais Religiosos, que eram seus conhecidos.

No outro dia, que era domingo, saíram todos à terra, porque os esperava o capitão-mór da vila da Praia, o qual os convidou a jantar, mas não veio nisso o Padre Prior, desculpando-se com êle, de que o dito capitão-mór ficou satisfeito e lhes mandou a bordo um refrêsko e uma vitela viva.

Depois de estarem surtos nesta praia quási cinco dias, a saber : de 18 de Junho até 23, deram à vela pelas onze da manhã e a 25 entraram nas trovoadas de Guiné com muita chuva. Passados 15 dias, lhes entraram a dez do mês de Julho os ventos gerais com trovoadas, ainda no segundo grau. A 13 passaram a linha com saúde e no mesmo dia prègou em acção de graças o padre frei Domingos das Chagas (*o Baldige*). Foram continuando a sua derróta e a 23 dobraram os báixos dos Abrolhos, a 28 avistaram a ilha da Assunção — uma das que chamam Martins Vás, e aqui andaram às vóltas 4 dias, por fálta de vento. Sete depois, a 4 de Agosto, dia de Sam-Domingos prègou o mesmo p. fr. Domingos das Chagas, assim por ser santo de seu nome, como por lho pedir o piloto, que também se chamava Domingos e queria festejar o seu Santo : esta foi a última vez que prègou o sobredito Padre, porque a 6 lhe deu o ar, de que ficou tolhido na fála e aleijado também da mão e pé direito e de tôda aquela parte sem se poder mover.

Ao outro dia, esteve o tempo rigoroso e não deu logar a se fazer a festa de Santo-Alberto, nem se pôde dizer mais de uma missa, sendo que até ali se haviam dito quasi tôdas em quasi todos os dias.

A 12 — dia de Santa-Clara — deram o Viático ao dito padre frei Domingos, mas foi Deus servido que fôsse melhorando.

A 15 — em dia de Nossa Senhora da Assunção—prêgou o padre frei Domingos de Santa-Teresa e o mesmo tinha feito o padre Superior frei Luis de Santo-Antônio na festa do Corpo-de-Deus, no domingo seguinte e em dia de Santo-Antônio.

A 22, chegaram à altura de 30 graus e 27 minutos, por razão do vento contrário. Aos 23 de Agosto, por diante, melhorou o tempo e foram diminuindo na altura.

A 10 de Setembro, em 22 graus e 24 minutos, apartados da costa 340 léguas e da barra de Luanda 490, se acabou ao Capitão o provimento que havia feito de carne, peixe, vinho, azeite, vinagre e lenha, ficando somente com biscoito e água, de que havia abundância para cinco meses, assim porque o dito Capitão estava pobre ao tempo da partida, como por lhe parecer que gastaria só 3 meses na jornada e, por isso, para este tempo se proveu unicamente, mas foi Deus servido que os Ministros-Reais mandassem fazer em Lisboa a matalotagem aos Religiosos em abundância para 6 meses, de sorte que com os mantimentos, que lhes sobejavam, se sustentaram todos até chegar à Luanda.

Em 27 do mesmo mês de Setembro, tomando o Piloto o Sol em 8 graus e meio, disse que na manhã seguinte se fazia com terra e assim sucedeu, porque avistaram a barra e logo foram direitos a ela, onde ancoraram pelas três horas da tarde do dia 28, gastando na jornada 121 dias, a saber: de 30 de Maio, em que se embarcaram em Lisboa, até 28 de Setembro, em que deram fúndo no pôrto de Angola.

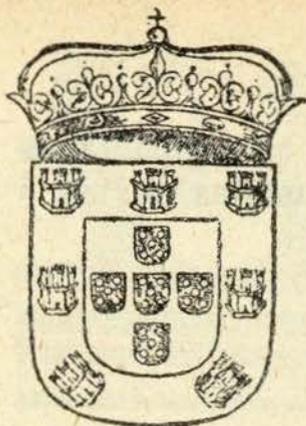
Menos tempo gastou o irmão José de Santa-Teresa, porque, embarcando-se numa nau de Inglêses, estes sem saberem o que faziam, nem que Sol tomavam, nem onde estavam, nem o perigo a que se expunham, logo passada a linha em altura de 3 ou 4 graus endireitaram com a costa, atravessaram o rio de Congo (Zaire) e se vieram meter em Luanda em 2 meses e 13 dias de viagem, menos alguns passageiros que se detiveram na Ilha-da-Madeira.

Tanto que chegou ao pôrto de Luanda o navio, em que vinham os Religiosos, veio, como se costuma, buscar as Cartas o Bergantim do Governador, que então era João Fernandes Vieira, bem conhecido pela gloriosa restauração de Pernambuco: nele se embarcou o padre prior frei Gregório de Santa-Teresa com um companheiro e foi levar à sua Senhoria as que trazia de sua Majestade e dizer-lhe ao que vinham. Recebeu-os com grande benevolência e móstras de afeição, que começou a mostrar também com óbras, mandando que se buscassem as cásas mais acomodadas que houvesse na Cidade, pãra assistirem nelas os Religiosos, como se fez, e juntamente ordenou a seu sobrinho Miguel Beringel que hospedasse, aquela noite, em sua cása ao padre Superior e seu companheiro.

A 30 de Setembro desembarcaram os mais Religiosos em companhia do Cunhádo e Sobrinho do Governador, e de outros Capitães, que no mesmo Bergantim com o padre Prior e seu companheiro, os foram buscar ao Pataxo, e logo se encaminharam pãra as cásas que lhes estavam preparadas, as quais eram das melhores da Cidade, com sua cêrca e jardim, junto ao convento franciscano de Sam-José. Aqui estiveram quási 3 meses, dentro dos quais trataram de buscar sítio mais capaz pãra fundar o Convento, que acharam no lugar, que chamam a Ingombota, perto de Santa-Maria-Madalena, mais pãra a pãrte da Cidade sôbre a bãrra, muito sãdio e lavado das virações, com água e muitas outras conveniências, que por vóto uniforme de todos foi a mais acertada eleição, porque na verdade não há outro melhor em tóda a Cidade.

Neste lugar havia duas cásas que logo compraram e dispuseram em fórmula de convento, pãra onde se mudaram no dia 23 ou 24 de Dezembro de 1659, em que se tomou a posse dêle, com o título de Nossa Senhora do Carmo, governando a Igreja de Deus Alexandre VII, no sexto ano de seu pontificádo, sendo rei de Portugal, no quarto ano de seu reinádo, dom Afonso VI, em cuja menoridade regia o Reino sua mãe — a senhora rainha d. Luísa, sendo Geral XII da Congregação de Espanha nosso padre frei Diogo da Apresentação, e Provincial XVII desta Província nosso padre frei Sebastião da Conceição.

---



DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1640...

## Efemérides Provinciais

### CATÁLOGO DOS GOVERNADORES DE ANGOLA

(Pelo Cónego JOSÉ MATIAS DELGADO,  
que Deus haja).

(Continuação da página 208)

#### XXXII — Tristão da Cunha

##### DÁTAS



FOI NOMEADO EM 12 DE SETEMBRO  
de 1665. Foi-lhe passada a patente em 12  
de Outubro.

Chegou ao pôrto e cidade de Luanda no  
meádo de Agosto de 1666.

O Catálogo diz que tomou posse em 20 de  
Agosto.

Saiu do pôrto de Luanda em 2 de Fevereiro de 1667.

##### PRÓVAS

A nomeação de Tristão da Cunha consta da consúta  
de 11 de Agosto de 1665, no Livro IV das consú-  
tas mixtas, à fôlha 168, verso.

A patente está no Livro IV dos ofícios, à fôlha 162, v.  
e na Chancelaria de dom Afonso VI, Livro 28, fl. 83, v.

Que chegou à Luanda em meado de Agosto de 1666  
conclue-se de uma páрте de um requerimento seu, onde diz  
que governou cinco meses. Êste requerimento está dentro do  
original da consulta de 5 de Dezembro de 1667.

A saída ou retiráda de Luanda é dada na Consúlta de 1 de Setembro de 1667, no Livro IV das consúltas mixtas, à fôlha 233, v.

### XXXIII — Senado da Câmara

#### DÁTAS

**C**orrido ou expulso Tristão da Cunha, tomou o Senado da Câmara posse do govêrno a 3 de Fevereiro de 1667.

Eram, em 1667, oficiais dela: Paulo Rebelo da Cúnha, António de Araújo de Azevedo, Roque Vieira de Lima, Francisco de Latorre, Paulo Valente, e procurador Diogo Vás Camelo.

Em 1668: Tomás Borges Madureira, Luís da Silva da Mota, João de Araújo, João Cardoso, Gaspar Zuzarte de Andrada e António Rodrigues de Andrada.

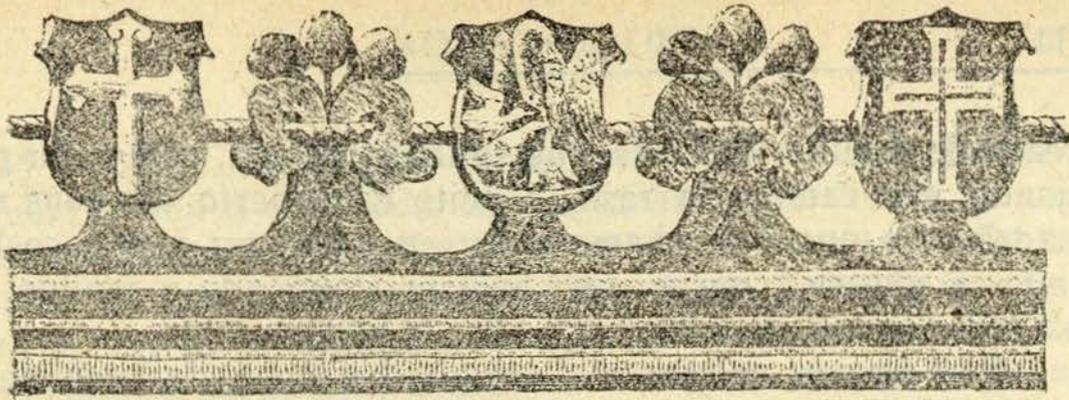
Em 1669: João Marques de Almeida, António de Estrada, João de Gouveia, Tomás Filgueira Bultão, Henrique de Mendonça e João Ferreira da Maia.

#### PRÓVAS

**A** dáta da posse de Câmara no cargo do govêrno é apenas uma conjectura minha, e muito natural.

Os nomes dos oficiais da câmara, em 1667, 1668 e 1669, estão no Catálogo e no original da Consúlta de 14 de Março de 1669, provocada por uma Petição de um tal Pedro de Ansués, que advogava em Luanda, onde faz referências à expulsão de Tristão da Cunha.

(Continua).



# HISTÓRIA GENERAL

— DAS —

## GUERRAS ANGOLANAS

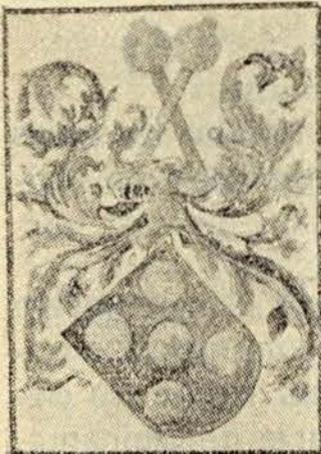
Tômo primeiro

### PRIMEIRA PÁRTE

(Continuação da pág. 236)

Relatam-se as emprêsas da guerra que foi obrando Paulo Dias de Novais com os seus valerosos Portuguezes, suportando muitas misérias e trabalhos. — Caculo-Caango. — Na província da Quiçama. — Nas margens do rio Lucala. — Em Maçangano.

14. — A conquista da Ilamba, na margem direita do rio Quanza. — *P. P.*



**S**AÍNDO O NOSSO VALEROSO Português Paulo de Novais, caudilho e governador da gente lusitana, havendo tido — como dito é, assim que saíu do primeiro sítio e alojamento, — batálgas e recontros com muitos milhares de gentios, foi ganhando a palmos o que ia conquistando com notável trabalho, com mortes e derramamento de muito sangue português, ficando vencedor e a campanha se-

meada de muitos idólatras, que se lhe opunham, com valor pelejando em campanha rasa, a peito descoberto em seus esquadros, a que eles chamam *musengis*, como gentio costumado à guerra, com a qual haviam dominado a muitos de sua côr.

Aos nossos valerosos Portugueses, além da hostilidade de guerra, lhe era contrário o Clima, por ser o sertão muito doentio, com o que adoeciam muitos e outros morriam à pura miséria e desamparo do necessário, faltos do mesmo sustênto pelo não haver na Campanha por onde marchavam, mais que o que às suas costas carregavam, por fálta de carruagens e não terem ainda gentio doméstico que os acompanhassem e os ajudassem a levar o sustênto e munições e mais aprestos pãra a guerra, o que faziam os invencíveis Portugueses por suas pessoas e a seus ombros, contrastando tudo, até os próprios elementos, e, chegando com a conquista desta parte da Ilamba e Quanza a Caculo-Caango, soba muito poderoso, que tinha onze fidalgos sobas seus vassallos e senhores de terras e vassallos, e outros que o ajudavam em nossa opposição, pãra cortarem o passo a nossos progressos e sua conquista.

Nesta paragem houve batálias mui assinaladas e milagrosas, que só a mão de Deus e o valor da Nação Portuguesa puderam contrastar, até que, ao cabo de muito tempo e continuos recontros se veio êste poderoso soba a avassalar e os sobas de sua jurisdição à Real Coroa de Portugal, o que ainda hoje se conserva o próprio soba ou seus descendentes com o próprio nome, não tam poderoso em gente como naqueles tempos de sua primeira conquista; que uns e outros são vassallos do Príncipe Nosso Senhor, desde o tempo de sua conquista até o presente.

15. — Na margem esquerda do rio Quanza ou as guerras com os valentes pretos da provincia de Quiçama. — P. P.

Tendo o nosso Conquistador conseguido êste primeiro domínio e, porque tôdas estas terras conquistadas bebem nas águas do rio Quanza, e lhe ficava em frente de outra banda dêste caudaloso rio a belicosa provincia de Quiçama,

quis o nosso Conquistador provar a mão com êles, e, passando àquela banda o seu podêr em algumas embarcações, que havia metido pela barra do Quanza acima, e em canoas que achou, de que se serviam aqueles gentios, passado que foi o rio, — teve com aqueles valerosos quiçamas muitas batálias e encontros de guerra, derramando algum sangue portuguez e muito do daqueles gentios; e, vendo que aquela conquista havia mister mais vagar pelo áspero do país e pouco sustênto, e que o seu principal intênto era buscar a cabeça e rei daquela Ambundância e que, vencido e derrotado, ficava a conquista mais fácil daquelas províncias suas tributárias, deixando feito e fortificado um sítio daquela província chamado **Muxima**, que êste nome lhe deu o soba senhor daquelas terras, beira rio Quanza, o qual assim era o seu apelido, por estar no meio e coração daquele país, que **Muxima** no idioma ambundo querer significar coração e entranhas, deixando esta porta aberta e presidiada com guarnição de gente portuguesa bastante pãra a sua conservação, e o soba, senhor daquela terra, à nossa devoção, pãra, a todo o tempo que a queira emprender, lhe ser mais fácil a entráda.

Outras notícias daquele tempo dizem que subiu com a dita conquista de Quiçama até o soba Catala, onde fez outra fortaleza, que se desmantelou e ainda se vêem as ruínas dela e chamam ainda hoje àquela sítio presidio velho.

Tudo posto em boa forma, se passou desta à outra banda chamada Ilamba, por onde havia começado aquela conquista.

16. — Continua Paulo Dias de Novais com a conquista na margem direita do rio Quanza. — *P. P.*

Passado que foi com o podêr, que tinha, de seus valerosos Portugueses, deixando o soba Caculo-Caango, primeiro conquistado, com os sobas seus vassallos à obediência daquela fortaleza de Muxima, pãra, como vassallos da Coroa Portuguesa, terem com a gente dela comunicação e lhe acudirem com o sustênto necessário, — foi prosseguindo a sua conquista até outro poderoso soba chamado Angola-Angolome-Hacundo, conhecido de todos os dêste Reino pela grandiosa Lagoa que tem em suas terras, o qual estava unido com o soba Onso e o soba Quemza e outro chamado Quiamgonge,

que tinham suas terras e povoações antes de chegar ao senhorio do dito Angolome, mas, como soberano poderoso, se incorporaram com êle depois de terem os nossos com o soba Onso grandes refregas de peléja, por ter as suas terras e povoações dentro de seus matos, de onde resistiam com maior valor.

A conquista dêstes sobas custou muito sangue português, pela defesa que êstes gentios tinham nos matos, até que, à porfia e valor dos Portugueses e contínuas pelejas, os fez domáveis, avassalando-se à Coroa de Portugal e hoje o são de sua Alteza, que Deus guarde, não deixando de ter no intervalo daqueles tempos algumas revoluções e alevantamentos, mas sempre por fim ficaram conhecendo o mal de seu grado a quem a primeira vez tinham conhecido por senhor.

17. — Nas vizinhanças da lagoa de Angolome. —

*P. P.*

Indo por diante a conquista dos famosos Lusitanos com seu esforçado Capitão, o qual teve grande batálha e peléja com um soba confinante com as terras e senhorios de Angola-Angolome-Hacundo, chamado Angola-Quiaito, fidalgo poderoso de muitas terras e vassallos, e alguns lhe dão o honorifico nome de soba-dembo, o qual tinha em sua ajúda outros de seu lóte, os quais fizeram grandíssima resistência aos nossos Portugueses, que, como estavam bafejados de seu Rei, que havia muito que sabia como a Nação Portuguesa se ia assenhoreando de seu Reino, e que o que os capitaneava, era aquele que de sua tirania havia milagrosamente escapado, e conhecia muito bem o esforço, que nele havia, pois o tinha visto e experimentado, quando o defenderam de todos os seus inimigos, — por essa cáusa mandou aos seus vassallos que fizessem muito por lhe resistir e desbaratar, pãra que não conseguissem o que intentavam.

(Continua).

RELAÇÃO  
DO  
REINO DE CONGO  
E DAS  
TERRAS CIRCUNVIZINHAS

«Ali o muy grande reyno està de Congo  
Por nòs ja conuertido a fee de Christo,  
Por onde o Zaire paffa claro & longo  
Rio pelos antigos nunca visto.»

*Os Lusíadas*, V, 13.

«Olha la as alagoas, donde o Nilo  
Nace, que nam fouberam os antigos.»

*Os Lusíadas*, X, 95.

Tirada em italiano dos escritos e discursos do Português

DUARTE LOPEZ

POR

FILIPPO PIGAFETTA

Em Roma de 1588 a 1589, e publicada em 1591

Agora retrovertida em português

PELA

LICENCIADA ROSA CAPEANS

(Continuação da página 212)

LISBOA — 1934

Assim navegando até 29 graus do Antártico, com o vento de Tramontana, sucede efeito admirável, porquanto, alguns, sentindo os primeiros ventos gerais, rondam as velas e põem a proa a caminho direito de Angola, e muitas vezes são enganados, acalmando-lhes.

O melhor é andar muito àvante, e esperar o vento galerno,

Cosi nauigando infino a 29. gradi dell'Antartico, col vento di Tramontana, accade effetto admirabile, peroche alcuni sentendo li primieri venti generali, girano le vele, & inuiano la proda al camino dritto d'Angola, & affai fouente sono ingannati mancando loro.

Il migliore è l'andar molto innanzi, & aspettar il

---

1698, tomo I, pág. 4.— A identificação é a registada por Maurice Besnier, *Lexique de géographie ancienne*, Paris, 1914, sub voce: «*Hesperu Ceras*»).

«*Polibio desde el tiempo de Emilio Scipion [século II a. C.], y de su orden, habia emprendido varios viages por tierra y mar, hasta el Promontorio de las Hesperides ó Cabo Verde*». (Don Vicente Tosiño de San Miguel, *Derrotero de las costas de España en el Mediterraneo y su correspondiente de Africa*, Madrid, 1787—Introdução, pág. X. — Plínio, *Naturalis historia*, livro V, capítulo I, alude à viagem marítima do historiador Políbio).

Agora... o reverso da medalha: Certeza absoluta de que os navegadores da antiguidade houvessem dobrado ou sequer conhecido o Cabo Verde, essa naturalmente não existe, porquanto as notícias, que sobre a Africa nos deixaram, são vagas; e Ptolomeu, que vivia em Alexandria, serviu-se delas, combinando-as com outras, tidas de outiva, de viageiros e traficantes árabes, que lustraram uma parte do sertão e das costas levantinas, sendo tais informações, por vezes, incertas e contraditórias. E, ainda no século XIV, o geógrafo árabe Ibn al Vardi redigiu que, não tendo jamais alguém navegado o Mar Tenebroso, se ignorava, completamente, o que lá havia. (Vide Pedro Nunez, *Tratado em defensam da carta de marear*, Lisboa, 1537, fl. 9 verso; e Ibn el Vardi, *De regionibus et oris*, Lundae, 1823, texto árabe, pág. 4, e versão latina de Andreas Hylander, pág. 5).

Seja como fôr, a Europa no alvorecer do século XV, praticamente, só conhecia o contorno occíduo da beira-mar africana até próximo do Cabo Bojador «...deziam os mareantes, que depois deste cabo nom ha hi gente nem povoraçom algũa; a terra nom he menos areosa que os desertos de Libya, onde nom ha augua, nem arvor, nem herua verde; e o mar he tam baixo, que a hũa legoa de terra nom ha de

e depois retroceder,<sup>42</sup> porque persevera até ao almejado pôrto; no que se nota, por acidente memorável, os ventos cursarem do Setentrião constantes, até altura de 29 graus além da Equinocial, e sobrevirem aí depois outros ventos, que, mais furiosos do que aqueles, os repelem, e isto ser de estação seis meses no ano. Ora, fazendo a sobredita viagem, o navio Santo

vento gagliardo, & poscia ritornare a dietro, perche perfeuera fin'al desfiato porto, in che fi nota per accidente memorabile, li venti spirare da Tramontana fermi, infino all'altezza di 29. gradi oltra l'Equinottiale, & iui poi occorrere altri venti i quali più furiosi di questi gli ributtano, & ciò effere di stagione sei mesi dell'anno. Hor tenendo il predetto viaggio la naue S. Antonio trouò li pre|detti

| pág. 3

fundo mais que hũa braça. As correntes som tamanhas, que navyo que la passe, jamais nunca podera tornar». (Gomes Eannes da Zurara, *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, precedida de uma introdução e illustrada com algumas notas pelo Visconde de Santarem, Pariz, 1841, capítulo VIII, pág. 51).

Quebrado o encanto do Mar Tenebroso, que foi em 1434, por Gil Eannes, os Portugueses, conhecedores da geografia dos antigos, diligencearam identificar, de acordo com ela, as novas terras que se descobriam. Assim procederam Duarte Pacheco, como vimos, e D. João de Castro que deixou exarado: «O cabo verde, ao que posso comprehender, he o Promontorio a que Plinio e Pomponio chamão hesperu seras». (D. João de Castro, *Roteiro de Lisboa a Goa*, anotado por João de Andrade Corvo, Lisboa 1882, págs. 79 e 80).

Em summa, o ponto mais ocidental do Continente Africano descoberto para o mundo moderno foi-o de verdade e inquivocamente, cerca de 1444, por Diniz Dias ou Fernandes, que lhe pôs o nome de Cabo Verde, por enxergá-lo todo coberto de verdura, coroado por um grupo de enormes baobabs ou imbondeiros. (Vide Ignacio da Costa Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, Lisboa, 1839, tomo I, pág. 111, nota 1).

*REGNUM CONGO* (versão latina) traslada: — «Corno ultimo» por «Cornu Utimum», pág. 1.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) passa em silêncio a tradução correspondente a: — «Corno ultimo», pág. 17.

*A REPORT OF THE KINGDOM OF KONGO* (versão inglesa) verte: — «Corno ultimo» por «Hesperium Cornu», pág. 6.

<sup>22</sup> *Macária*, vocábulo de origem grega, significa: feliz, bem-aventurada. Na Geografia de Estrabão (livro I) e na de Ptolomeu

António encontrou os mencionados ventos gerais, e rodearam a proa e as velas para o Norte e Noroeste,<sup>43</sup> via do reino de Congo, à direita,<sup>44</sup> e, orçando a meia nau, arribaram em 12 dias com suas noutes à Ilha de Santa Helena, não a buscando e sem imaginarem,<sup>45</sup> a qual é assim designada porque na festa daquele dia, que cai a 3 de Maio,<sup>46</sup> foi dos Portu-

vēti generali & riuoltarono la proda, & le vele per Tramōtana, & maestro alla destra in verso il reame di Cōgo, & orzādo à mezza Naue peruēnero in 12. giorni cō le sue notti all'Isola di S. Elena nō cercādo'ia, & senza pēsarui, la quale è cofi detta, percioche la festa di quel giorno, che cade a' 3. di Maggio fù da' Portoghesi primieramēte

(livro I, capítulo VI, tábuia IV) são designadas por *αι τῶν μακάρων νῆσοι* — As Ilhas dos Bem-aventurados.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) esquece o representante de: — «*Macarie*», pág. 17.

<sup>23</sup> Camões celebra no seu admirável poema:

«Passadas tendo ja as Canarias ilhas  
Que tiverão por nome Fortunadas,  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas».

(*Os Lusíadas*, V, 8).

As Ilhas Fortunadas dos antigos, Eden misterioso dos bem-aventurados, deliciosa mansão paradisíaca, terra que produzia sem trabalho os melhores frutos, existiam... em concepções mitológicas, sem realidade geográfica.

Era crença antiqüíssima na Índia, Ásia Central, Pérsia, Egipto, donde irradiou talvez para a Grécia e dali para o Ocidente romano, que as almas dos mortos haviam de atravessar um rio antes de chegarem à sua morada; e como nos poemas de Homero (século X antes da nossa era) o mundo conhecido se figurava por um disco, cercado pelo Rio Oceano, além do qual estavam situados os Campos Elísios, e para Hesíodo e Píndaro o país da bem-aventurança era rodeado pelas águas, daí nasceu talvez o mito das Ilhas Fortunadas.

Juba II, Rei das duas Mauriânias, reintegrado por Augusto na posse do trono que seu pai havia perdido, regressou à patria senhor de vastos conhecimentos geográficos adquiridos durante a sua longa permanência em Itália, e querendo reduzir o mito a verdade histórica mandou explorar o Oceano que se alongava diante de seus rei-

gueses primeiramente divisada.<sup>47</sup> Esta Ilhota é tão pequena quanto singular: por isso que situada em altura de 16 graus para o Antártico, tem de roda nove milhas e é afastada da terra firme.<sup>48</sup> Navegando, se enxerga 30 milhas de longe por azo dalguns montes,<sup>49</sup> e é um milagre da natureza,<sup>50</sup> naquele Oceano desmesurado, solitária e tão pequena, emergin-

veduta. Questa Isoletta è tanto piccola, quanto fingolare: imperoche situata in altezza di 16. gradi verso l'Antartico, gira noue miglia, & è lontana dalla terra ferma. Nauigando si scopre 30. miglia da lunge per alcuni monti, & è vn miracolo della natura in quell'Oceano smisurato fola, &

---

nos. Os enviados deram com as Canárias, e porque foram as únicas ilhas que se lhes depararam no vasto Oceano, onde as haviam procurado, julgou-se serem aquelas as verdadeiras *insulae Fortunatae*.

Mas, com a destruição do Império Romano, voltou a Europa a abismar-se na ignorância, e a memória dêsse descobrimento ter-se-hia então nela obliterado, jazendo quiçá treze séculos em profundo esquecimento?

O que é porém certo é que, tendo o Papa Clemente VI dado em 1344 ao espanhol D. Luis de la Cerda, neto de Afonso o Sábio e de S. Luis Rei de França, o principado das Ilhas Canárias com o título de Príncipe da Fortuna, e escrito aos reis de França, de Sicília, de Aragão, de Castela e de Portugal, ao Delfim, e ao Doge de Génova recomendando-lhes que prestassem ao novo soberano o seu apoio naval e financeiro, nós vemos o Rei D. Afonso IV de Portugal, acatando muito embora a decisão do Papa, responder em 12 de Fevereiro de 1345: «os nossos naturais foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas» e que estava na intenção de enviar uma armada a conquistá-las, quando as guerras, primeiro com Castela e depois com os Sarracenos, o desviaram dêsse propósito.

E, pela relação do célebre Boccacio, sabe-se que em 1341 o mesmo Rei D. Afonso mandara duas embarcações bem municadas, acompanhadas de outra mais pequena, a explorar as Canárias. (Vide Joaquim José da Costa de Macedo, *Memória em que se pertende provar que os Arabes não conhecerão as Canarias antes dos Portuguezes*, Lisboa, 1844, págs. 2 e segs. Nesta *Memória* foram pelo autor reproduzidos todos os passos dos autores gregos, latinos e árabes referentes às Canárias—informa Charles de la Roncière a pág. 1, nota 1, de *La découverte de l'Afrique au Moyen Age. Cartographes et explorateurs*, le Cairo, 1925 —; Idem, *Memórias para a historia das nave-*

do das ondas tempestuosas e altíssimas, e oferecendo estância segura às naus lassas e sedentas, que veem das Índias,<sup>51</sup> e refrescamentos<sup>52</sup> copiosíssimos.

As suas matas são todas de ébano,<sup>53</sup> cerradas, de que os marinheiros fazem lenha; vendo-se nas cascas daquelas árvores escritos os nomes de infinitos, por assim dizer, navegan-

fi piccola furgendo fuori dell'onde tēpestose, & altissime, & porgendo stanza ficura alle nauí stanche, & affetate, che vengono dall'Indie, & rinfrescamenti copiosissimi.

Li boschi di lei sono tutti d'Ebeno folti, de'quali fan legna li marinari, veggendosi nelle scorze di quegli alberi scritti li nomi d'infiniti, per così dire, nauiganti, che pas-

---

*gações e descobrimentos dos Portugueses*, in «Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa», tomo VI, parte I, págs. 1 a 19; Richard Henry Major, *The life of Prince Henry of Portugal, surnamed the navigator and its results*, London, 1868, págs. 138 e segs.; e *Corta de El-Rei D. Afonso IV ao Papa Clemente VI, de 12 de Fevereiro de 1345*, edição de Eugenio do Canto, com o texto latino, e a versão portuguesa de Joaquim José da Costa de Macedo e José Pedro da Costa).

*Canária* foi o nome imposto a uma das *Insulae Fortunatae*, no dizer de Plínio, por causa da multidão de grandes cães, que os marinheiros do Rei Juba lá acharam, de que fizeram gosto em levar dois, como amostra, ao soberano: «*Canariam vocari a multitudine canum ingentibus magnitudinis—ex quibus perducti sunt Jubae duo*». (*Naturalis Historia*, livro VI, capítulo 32).

<sup>24</sup> A REPORT OF THE KINGDOM OF KONGO (versão inglesa) pretermite: — «*vi smontano*», pág. 6.

<sup>25</sup> A carapuça: — «E' talvez a única peça de indumentária, que se pôde autenticar com vários textos, como quasi uniforme para os mareantes portugueses do século XVI. Deviam ser semelhantes aos barretes de lã, pretos, verdes ou vermelhos, ainda hoje usados pelos poveiros e varinos e pelas populações ribatejanas e alentejanas.» (Henrique Lopes de Mendonça, *Do Restelo a Vera Cruz* in «História da Colonização portuguesa no Brasil», volume II, capítulo VI, pág. 63, nota 77).

LE CONGO (versão francesa, feita pela latina), dá «*chapeaux*» pelo latim *pileus*, «carapuça», «barrete», para significar: — «*berette*», pág. 17.

<sup>26</sup> A REPORT OF THE KINGDOM OF KONGO (versão inglesa) regeita: — «*panni colorati*», pág. 6.

tes que, passando pela Ilha, deixam entalhados os seus nomes nos córtices, crescendo as letras com a grossura dos troncos.<sup>54</sup> Por si a terra produz os melhores frutos, pois que a videira, levada pelos Portugueses, nela cresce, e sobretudo nos parreirais em volta da Ermida e das pousadas para os mareantes;<sup>55</sup> aí se veem as selvas bravas de laranjas, de cidras,<sup>56</sup>

fando per quella Ifola, lasciano intagliati li nomi loro in quelle corteccie, crescendo le lettere cõ la grossezza de' tronchi. Produce da se la terra li migliori frutti; per cioche la vite vi cresce, portataui da Portoghesi, & maisimamente nelle pergole d'intorno alla Chiesetta, & à gli alberghi per li nauiganti, quiui si veggon le felue salua-

<sup>27</sup> *REGNUM CONGO* (versão latina) passa em claro: — «*tel-  
le di bambagia di colori differenti*», pág. 1.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) idem, pág. 17.

<sup>28</sup> A costa da Serra Leoa parece ter sido descoberta, ainda em vida do Infante D. Henrique, por Alvaro Fernandes; porém só ficou reconhecida oficialmente com a navegação de Pero de Sintra, em que os mareantes apuseram à montanha o nome da rainha das selvas «e isto pelo grande rugido que de contínuo ali se sente por causa das trovoadas, que há no seu cume, o qual está sempre ocupado e rodeado por uma névoa muito densa, que produz continuamente trovões e raios; sente-se este estrondo em o alto do monte, a quarenta ou cinquenta milhas de distância pelo mar, e nunca se dissipa esta névoa ainda que o Sol seja ardentíssimo, e passe perpendicularmente por cima» (*Navegação do capitão Pedro de Sintra, Português, escrita por Messer Luiz de Cadamosto: o texto italiano in «Delle navigationi et viaggi raccolte da M. Gio Battista Ramusio», vol. I, fl. 110 verso, e a tradução portuguesa in «Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas», Lisboa, 1867, tomo II, pag. 67; e Navegação de Lisboa á Ilha de S. Thomé escrita por hum piloto portuguez, vertida em italiano na citada obra de Ramusio, vol. I, fl. 116, e retraduzida em portuguez in «Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas», tomo II, pág. 87).*

Ainda hoje idêntico fenómeno meteorológico se observa de bordo dos navios que sulcam as águas da Serra Leoa, conforme testifica *de vi.u* o Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Manuel Ruela Pombo.

A ponta da montanha, que pelo aspecto do seu terreno, alegre e viçoso, recebeu a denotação de *Cabo Ledo*, tem ao sul a entrada do Rio Mitomba ou de Serra Leoa. «Os Portuguezes fazião antigamente hum vantajoso Commercio neste Rio, em que se achavão mantimentos

de limões e de pomos<sup>57</sup> tais, que todo o ano dão flores<sup>58</sup> e frutos maduros e verdes;<sup>59</sup> e semelhantemente as romãs grandes e doces e de regular sabor com os bagos grossos e vermelhos e cheios de grato sumo e com pequeno ácido<sup>60</sup> e maduras, como as laranjas de toda a sazão,<sup>61</sup> e figos grandes e abundantes, o qual dote adverte Homero existir em frutos

tiche d'Aranci, de Cedri, & de Limoni, & di pomi tali, che tutto l'anno portano fiori, & frutti maturi, & acerbi, & somigliantemente le mele granate grandi, & dolci, & di mezano sapore con li granelli grossi, & vermigli. & pieni di grato succo, & con picciolo acino, & maturi, come gl'Aranci d'ogni stagione, & fichi grandi, & abbondeuole, la qual dote auerti Homero esser in frutti diuerfi

de toda a especie, ouro em pó, que vinha do sertão, ferro, algodão, cana de assucar, marfim, cera, malagueta, madeiras, e huma fructa como castanhas, chamada Cólá, que se carregava para diferentes Portos e Ilhas, por ser muito estimada dos Negros. Por estes motivos fizeram alli hum estabelecimento, dirigidos por Bento Correa da Silva, natural da Ilha de S. Thomé, que levou consigo hum irmão, e outros seus parentes, e amigos com as suas familias, e no anno de 1590 continha a sua povoação quinhentos Portuguezes; e ainda hoje [Pimentel escreve em 1839] existem restos das plantações de arvores fructíferas, que fizeram. Forão porê m desamparando a terra a pouco e pouco, ou pelo abandono em que os deixou o Governo, a pezar das suas reclamações, ou pela insalubridade do clima, que he matador para os brancos, e até para os negros de outras Nações.

«Como o Paiz ficou abandonado dos Portuguezes, e era já mui conhecido, e frequentado de navios Estrangeiros, Henrique Sharp, Inglez, começou a criar alli hum pequeno estabelecimento em 1786, a fim de reunir nelle os Negros miseraveis, que havia em Londres. Posto em pratica este projecto, destruirão os Francezes a povoação... mas restaurou-se em breve, porque... hum Bill do Parlamento mandou formar alli huma Colonia, e em consequencia construiu-se a pequena Cidade de Freetown, que tem Governador, Guarnição Militar, e Officiaes Civis necessarios... em 1820 chegava a população da Colonia a quatro mil seiscentos e três brancos e oito mil e setecentos negros de ambos os sexos, estes quasi todos tomados nos navios de Escravatura.» (Ignacio da Costa Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, pág. 167, nota 1).

A *REPORT OF THE KINGDOM OF KONGO* (versão inglesa) declara ser a Serra Leoa tão célebre pelo seu tamanho: — «so famous for its graet size», pág. 6.

diversos na Ilha de Corfú também.<sup>62</sup> Pela terra apanham-se cabras e cabritos silvestres, bons para comer, javalis e outros animais de quatro pés,<sup>63</sup> e perdizes e galinhas bravas e pombos<sup>64</sup> e outras maneiras de aves grandes e pequenas,<sup>65</sup> as quais alimárias e aves são tão confiadas e domésticas, que não arreceiam os homens, não conhecendo o perigo de serem mor-

nell'Isola di Corfù ancora. Per lo paese pigliano capre, & capretti saluaticchi buoni à mangiare, & porci Cinghiali, & altri animali di quattro piedi, & perdici, & galline seluaggie, & colombi, & altre maniere d'augelli grandi, & piccioli, le quali fiere, & augelli sono tanto afsicurate, & domesfiche, che non temono gl'huomini, non

<sup>29</sup> *Paragem*, termo náutico: «espaço de mar em qualquer parte dêle» (D. Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez & latino*).

<sup>30</sup> Grafamos também assim a palavra *North* por estar representada no texto original como termo comum a vários povos.

Duarte Nunez de Lião, na *Origem da lingua portuguesa*, Lisboa, 1606, capítulo XIII, sob a rúbrica «Dos vocabulos tomados dos alemães», relembra que ao imperador Carlos Magno (742-814) se deve a adopção dos vários termos que, na Idade Média, começaram suplantando a nomenclatura grecò-latina dos ventos.

«A muita distancia q̄ ha entre Hespanha & Alemanha, & a pouca communicação q̄ entre estas provincias causa termos menos vocabulos dos Alemães. Os q̄ a nos vieraõ q̄ sabemos saõ os nomes dos ventos, que o Emperador Carlo naõ sem razão chamado Magno, por a grãde eminencia que nas armas & nas letras, & noticia de todas linguas teue mais que nenhum outro Principe da Europa, o qual ao Septentriaõ chamou Nordt, & a hum dos seus vezinhos collateraes, q̄ he o circio ou Thraseas chamou Noroest, ao outro q̄ he o Boreas chamou nornordest, ao subsulano a q̄ os Gregos chamaõ Apeliotas chamou leste & aos dous seus vezinhos collateraes, dos quaes hum he o Ceias a que por outro nome algũs chamaõ volturno les nordest, & ao outro que he o Euro chamou les suest, ao Austro que he o contrario do Nordt, a que nos chamamos Sul chamou suest, & a hum dos dous seus collateraes. s. ao da mão direita que he o Euro notho, chamou susuest, & ao da mão esquerda que he o Libanoto susuest, & ao Fauonio que por outro nome he Zephiro chamou Oest, & ao collateral da mão direita que era o Libyo ou Africo oest suduest, & ao da mão esquerda que he o coro oest noroest».

Consultando o capítulo XXIX da *Vida de Carlos Magno*, compos-

tas.<sup>66</sup> Donde os que ali estão, apanhando-as todos os dias, ensalmouram-nas com o sal que se congela nas praias da Ilha, pelas covas das pedras naturalmente furadas e carcomidas das ondas marinhas;<sup>67</sup> e assim conservadas aquelas carnes, dão-nas<sup>68</sup> aos navegantes que por lá aparecem.

O terreno desta Ilha é pulvéreo como cinza, avermelha-

conoscendo il pericolo d'effere vccife. Onde coloro, che iui ftanno pigliandone ciafcun giorno, l'infalano col fale, che fi congela ne'liti dell'Ifola per le caue delle pietre naturalmente forate, & rose dall'onde marine; & cofi conferuate quelle carni, le danno à marinari che vi capitano.

Il terreno di quell'Ifola è trito come cenere di roffo

ta em latim pelo escritor coevo Eginhardo, aí se nos deparam os nomes com que o Rei dos Francos e Imperador do Ocidente crismou os dōze ventos — na época carolíngia contavam-se adjacentes a cada um dos quatro ventos cardiais, únicos distinguidos na idade de Homero, apenas dois ventos colaterais, sistema já então secular, pois vem descrito em Plínio — e por conseguinte aquele que impôs ao Setentrião: *Northronowind*, *Nordroni*, *Nordron* ou *Nordren*, segundo a grafia dos diferentes códices examinados por A. Teulet (Vide A. Teulet, *Einhardi Omnia quae exstant opera*, tomo I, pág. 90, nota 1).

A forma *North* ocorre no baixo latim:

«*Qua prius antiquum cum Neustrio nomen haberet,  
Post a Normannis habuit Normannia nomen,  
Quo gaudent patrii memores idiomatis esse,  
In quo North, Boreas, homo Man sonat: inde vocatus  
Normannus priscae meminit patriaeque tribusque.*»

(Willelm. Brito lib. 8. Philipp. a p u d Du Cange, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Parisiis, 1845, sub voce: «*Northus*»).

Teve vida em francês:

«*Mant en Engleiz et en Norroiz,  
Senefie home en Franchois,  
Ajoûtez ensemble Nort et Mant,  
Ensemble dites donques Normant,  
C'est honz de North en Romanz,  
De la vint le nom as Normanz.*»

(Le Roman de Rou et des Dux de Normandie MS.: a p u d Du Cange, loco citato).

Em castelhano encontramos-la servindo de exemplo etimológico:

do, pingue, sobremodo frutífero e tão solto que, pondo-se-lhe o pé em cima, em guisa de areia, desfunda-se o terreno, e as árvores com a fôrça de um homem abanam,<sup>69</sup> pelo que não se faz mister lavrá-lo; e, chovendo, nascem súbitamente os frutos da velha semente.<sup>70</sup> Por si produz as raízes de rábão, grandes como a perna de um homem e boas para comer.<sup>71</sup>

colore, & grasso, & fopramodo fruttifero, & tenero tanto, che ponendoui sopra il pie, à guisa dell'arena, sfondasi il terreno, & gl'alberi con la forza d'vn huomo Crollano, & perciò non fa mestieri lauorarlo; peroche piouendo subitamente nascono li frutti della vecchia sementa. Da se produce le radici del rauano grandi come la gamba d'vn'huo-

---

*Corolo Bouilio de differentia vulgarum linguarum, cap. 10. dize q̄ vale North, lo mismo que Setemptrion en lengua de aquellos Países [Germanicos]. (Licenceado Don Sebastian de Covarruvias, Tesoro de la lengua castellana, española, Madrid, 1670, parte II, sub verbo «Norte».*

Subsiste em inglês.

*The concise English dictionnary* by Charles Annandale, London, Glasgow and Dublin, 1905, regista o termo anglo-saxão *north* como = ao irlandês *northr*, ao alemão, ao sueco e ao dinamarquês *nord*, *north*, terminando por considerá-lo de origem desconhecida.

Porém Meyer Lübcke classifica-o de proveniência anglo-saxónica. (*Romanishes etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1911).

<sup>31</sup> *REGNUM CONGO* (versão latina) suprime: — «quasi sempre chiamato North da Portoghesi & da Castigliani, & da Francesi, & da tutte le genti del mare del Settentrione», pág. 2.

*LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) idem, pág. 17.

<sup>32</sup> *LE CONGO* (versão francesa, feita pela latina) tem apenas: — «sud-ouest», como equivalência de: — «Ostro, & Garbino», pág. 17.

<sup>33</sup> O Cabo está em altura (latitude) de 34° 22' Sul. Actualmente denomina-se Costa do Cabo de Boa Esperança toda a orla marítima que se projecta da foz do rio Orange, em 28° 38' S., até ao Cabo das Agulhas, em 34° 49' 46'' S.. (Vide Alexandre Magno de Castilho, *Descrição e Roteiro da Costa Occidental de Africa*, Lisboa, 1867, tomo II, pág. 297, 300, 325 e 338). Contudo, no século XVI, a *Relatione del Reame di Congo*, livro II, capítulo VIII, enuncia: — As costas do Cabo de Boa Esperança, que é o maior do mundo, circuitam quasi 6000 milhas: por isso que do Rio de Fernão do Pó, posto em 5 graus de latitude boreal na ribeira do Atlântico onde o dito Cabo começa a avançar para o pego, até á Ponta das Agulhas contam-se de Norte a Sul mais de 2200 milhas; e daí pela contrária

Ali germinam bém assim as couves,<sup>72</sup> o perrexil,<sup>73</sup> as alfices,<sup>74</sup> as abóboras,<sup>75</sup> os grãos, os feijões<sup>76</sup> e outros legumes naturalmente, os quais, amadurecidos, caem naquela fecunda<sup>77</sup> terra e por si mesmos se multiplicam<sup>78</sup> e renascem sem cultivo. Por isso que todo o navio traz e planta algum fruto, ou herva de horta, e medra improviso, a natureza benigna con-

mo, & buone a mangiare. Vi germogliano etiandio li cauli, & il petrofelino, & le lattuche, & le zucche, li ceci, & li fagiuoli, & altri legumi naturalmente, i quali maturi cadono in quella feconda terra, & da se stfesi multiplicano, & rinascono senza coltiuatione. Percioche ogni Naue porta, & pianta alcun frutto, ouero herba d'horto, & | alligna su-

| pág.

parte, ou contra costa, banhada pelo Indico, até ao Cabo de Guardafu, mais de 3300 milhas do Austro ao Setentrião —. E um viajante lusíada, regressado em 1580 de África, abona: «O Reyno d'Angola esta da banda do sul da linha na costa do cabo de boa Esperança...» (*Enformação do Reyno a'Angola*. Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, F. G. 637 fl. 142).

Bartolomeu Dias, chefiando «a mais difícil e mais delicada expedição que se há tentado nos tempos modernos» — frase atribuída a um autor estrangeiro — reata os descobrimentos de Diogo Cão interrompidos na Serra Parva, mil milhas além do Cabo Negro, e em 1486 ou 1487 ou ainda no ano seguinte como escreve o autor do *Esmeraldo*, monta finalmente o Cabo das Tormentas, ou de Boa Esperança, que personificado pelo estro de Camões, no gigante Adamastor apregoa:

«Eu sou aquelle occulto & grande Cabo  
A quem chamais vos outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,  
Plinio, & quantos passaram fuy notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontorio».

(*Os Lusíadas*, V, 50).

Como símbolo de descobrimento e de posse efectiva, chantou o grande navegador alguns padrões ao longo da nova costa, um dos quais, o de S. Filipe, no próprio Cabo. (Vide Luciano Cordeiro, *Diogo Cão*, in «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa», 11.<sup>a</sup> série — n.º 2, Lisboa, 1892, pág. 138; e Alexandre Magno de Castilho, *Os padrões dos descobrimentos portuguezes em Africa*, Lisboa, 1869, págs. 19 a 29).

cede liberal galardão e usura à sua tornada,<sup>79</sup> reservando os frutos aos mareantes.<sup>80</sup> Há na ilha algumas ribeiras, que deslizam por partes diversas dela,<sup>81</sup> de uma água boa e saudável, e redutos para as naus, seguros como portos.<sup>82</sup>

Mas o principal é no sitio,<sup>83</sup> em que já construíram uma Ermida, onde se guardam os ornamentos do Altar, as vesti-

bito, & la natura benigna rende cortese guiderdone, & vfura al ritorno di lei, ferbãdo li fruti alli Marinari. Sono alcuni fiumicelli in quell'Isola scorrenti in parti diuerse di lei, d'vn'acqua buona, & sana, & ridotti per le nauí ficuri, quasi porti.

Ma il principale è nel fito, in cui gia fabricarono vna picciola Chiesa doue sono custoditi gli ornamenti dell'Al-

---

«Desde que... Bartholomeu Dias descobriu o Cabo, assignando as terras novas com padrões de marmore, considerou-se aberto o caminho pelo qual em 1497 Vasco da Gama chegaria á Índia, a presentear metade do mundo com o dominio scientifico e economico da outra metade. A Africa austral, sorridente no manto de verdura que a distingue das arenosas praias do norte, apresentou-se aos nautas fatigados como uma estação naval, bôa para refrescar os navios do cruzeiro da Índia.

«Isto se depreheñde das instrucções dadas ao grande navegador por D. Manuel, sob a direcção de Bartholomeu Dias; do levantamento dos padrões por Vasco da Gama, enfeudando-a *no senhorio de Portugal reino de christãos*; das instrucções do grande mestre de pilotos e não menor astrónomo Zacuth, confirmadas pelos navegantes; e da necessidade que os navios da esquadra da Índia tanta vez sentiram de fazer aguada ou concertos n'esta costa.

«Aqui fundearam depois do revelador da Índia, João da Nova em 1501, no rio de S. Braz; Antonio de Saldanha em 1503, na aguada que lhe conserva o nome; e outros, que demandaram a Índia ou Moçambique. Depois, a abundancia do ouro na costa de Sofala, afamada em 1488, descoberta em 1501 e officialmente explorada em 1502, e o nosso rapido estabelecimento em Moçambique, concentraram a attenção na costa oriental, d'onde se entreviam as maravilhosas opulencias da fronteira Índia, que tudo nos devorava.

«Contudo, se não occupámos o Cabo, sempre o considerámos como a porta do oriente, não só pela formalidade dos padrões, indicando a posse aonde não havia a concorrência; mas tambem pelo titulo que el-rey D. Manuel deu em 1505 a D. Francisco d'Almeida — *Viso rey tanto que fizerdes a 1.<sup>a</sup> fortaleza do Cabo da Boa Esperança*

mentas do Sacerdote e os outros Serviços da missa.<sup>84</sup> E quando os baxeis por ali passam, desembarcam os religiosos para celebrarem os divinos officios.

Há também uma casinha, onde quasi sempre moram Portugueses, como dois ou três, e ainda um só; ai deixados, já por enfermidade, já pelos seus delitos, já mesmo vo-

tare, & li vestimenti del Sacerdote, & gl'altri feruitij della Meffa: Et quando li vafelli passano di là, smontano li religiosi a celebrar i diuini offitij.

Vi è anco vna cafetta, doue quasi sempre dimorano Portoghesi, come due, ò tre, & anco vn folo, iui lasciati, ò per infermità, ò per loro misfatti, ò pur volontariamente,

---

*para dentro...* — titulo que definia as attribuições e limites do governo da Índia, pelo menos durante a primeira metade do XVI seculo.

«Assim descurámos d'este ponto strategico, cuja importancia politica foi apenas comprehendida em 1575 por el-rei D. Sebastião, se porventura o reconhecimento de Manuel de Mesquita Perestrello, entre o Cabo da Bôa Esperança e o das Correntes não teve intuitos meramente nauticos...

«Assim perdemos esta magnifica estação naval, que por estar a igual distancia da Índia e do Brazil, a um e outro podia servir de porto de refresco. deposito de gente, e sentinela vigilante do Atlantico e do Indico. Além de que, attenta a exploração dos sertões, com que desde o seculo XVI assignalámos o nosso estabelecimento em uma e outra costa, — subindo o Zaire, devassando Sofala e embrenhando-nos pelo Cuama, para ligarmos um ao outro litoral, — a posse do Cabo fecharia as portas do Continente, aos que pelo Sul tentassem dividir e annular o esforço patrio, separando Angola de Moçambique.

«Na esteira dos navios portuguezes seguiam porém os da Inglaterra e os da Hollanda...» (Carlos de Mello, *Os Inglezes na Africa Austral*, Lisboa, 1890 págs. 1 a 3)

A REPORT OF THE KINGDOM OF KONGO (versão inglesa) põe de parte: — «*seguire auanti infin presso il Capo di Bona Speranza*», pág, 7.

<sup>84</sup> «Porém o nome próprio do Reino de Angola he *Dónogo*, que foi hum termo bem adequado, em razão da sua figura desproporcionadamente comprida. Por quanto na lingua Bunda esta palavra, *Dongo*, nada mais significa do que huma casta de embarcação, a que chamão *Canóa*, que he toda construida de hum só páo; quando esta he pequena dão-lhe o nome de *Lóngo*; e quando grande, *Dónogo*; porém por maior grandeza, e largura, que tenha a Canoa chamada *Dónogo*, sem.

luntariamente, diligenciando êles assim tolerar vida de eremita, por aquela solidão,<sup>85</sup> em penitência de seus pecados.<sup>86</sup>

Depois, é tanta a cópia de peixes boníssimos, que parece o mar dêles coalhado, tal que basta apenas lançar os anzóis na água e tirá-los para fora, continuamente, carregados de prêsa.

così ricercando efsi a tollerare vita di Romito per quella folitudine in penitenza de'loro peccati.

Vi e poi tanta copia di pesci buonissimi, che fembra il mare di loro appresso talche non accade, se non gittare gli hami nell'acqua, & tirarli fuora continuamente carchi di preda.

pre he uma embarcação desproporcionada, que ao mais tem sete palmos de largo, e de comprido oitenta, e noventa: e sendo mui semelhante á figura do Reino de Angola, lhe derão os antigos o nome *Dóngo*, que parece bem apropriado.

«Mas reconquistada porção deste Reino por hum Sova Vassallo do Rei do Congo, chamado Angola, a erigio em Reino, dando-lhe o seu nome de Angola (ou seja *Dóngo-Angóla*) que ficou conservando até ao presente.» (Fr. Bernardo Maria de Cannecattim, *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda, ou angolense*, Lisboa, 1805. — Ao Leitor, pág. X).

E para nós, Portugueses, o primeiro nome official que teve Angola foi o de *Reino de Sebaste na Conquista da Etiópia*, dado por Paulo Dias de Novais, como homenagem a El-rei D. Sebastião, em cujo reinado a começou senhoreando. (Vide *Catalogo dos Governadores do Reino de Angola* in «*Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*», Lisboa, 1826, tomo III, parte II, pág. 345; P.<sup>o</sup> Antonio Miranda Magalhães, *Manual de linguas indigenas de Angola*, Leanda, 1922 — Introdução, pág. XXVI; e Antonio de Oliveira Cadornega, *Historia general das guerras angolanas*, publicada e anotada pelo P.<sup>o</sup> Manuel Ruela Pombo in «*Revista Diogo Caão*, série II, número 5, pág. 140).

<sup>35</sup> *Linha Equinocial, circulo Equinocial* é o *Equador* ou o círculo máximo equidistante dos polos da esfera terrestre. — «Chamase equinocial: porque quando ho sol pasa por este circulo duas vezes no anno. s. quando ho soll estaa no comêço de aries e de libra: os dias e as noytes sam jguae.» (*Regimento do estrolabio e do quadrante. Tractado da spera do mundo nach dem einzigen bekannten Exemplar in der Mûchener K. Hof-und Staatsbibliothek herausgegeben von Joaquim Bensaude*, München, 1914, druck und verlag von Carl Kuhn, pág. 53).

E preguntando eu qual a razão por que os Portugueses nunca cuidaram em fortificá-la,<sup>87</sup> sendo assim tão oportuna aos marinheiros e como pela providência de Deus ali fundada para restauro dos Navegadores Portugueses, como difusamente narra o Granada em o *Symbolo de la Fé*,<sup>88</sup> escrito por êle em Espanhol e por mim traduzido para Italiano:<sup>89</sup> Respondeu

Et domandando io per qual cagione li Portoghesi non fi fono curati già mai di fortificarla, effendo cofi opportuna a marinari, & quasi per prouidenza di Dio quiui fondata in restauro de' nauiganti Portoghesi, come diffusamête narra il Granata nel Simbolo della fede, scritto da lui in Spagnuolo, & da me in Italiano ridotto: Rispose

(Continua)

<sup>36</sup> Para retraduzir a derrota feita pelo barco em que viajava Duarte Lopez, procurámos comprehendê-la bem, estudando-a primeiro em si, e depois dividindo-a em partes que íamos cotejando com idênticos fragmentos de navegações que se nos deparavam em roteiros e outras obras portuguesas. Se havemos interpretado mal e vertido peor, não foi decerto porque nos falecesse uma grande boa vontade de acertar, mas... como não somos técnica naval... E, no processo do tempo, os estudos oceanográficos e meteorológicos, as observações constantes dos navegadores, teem modificado profundamente o caminho a seguir pelos navios de vela no atravessar a zona das calmas — convindo fazê-lo onde esta se apresente mais estreita, o que varia com a posição do Sol — e na passagem do Norte para o Sul do Equador, aproveitando-se tanto quanto possível os ventos alisados e o conhecimento das correntes marítimas (João de Andrade Corvo, nota 1, pág. 139, ao *Roteiro de D. João de Castro*); por isso, e porque agora os modernos barcos de vapor, dotados com os mil aperfeiçoamentos de assombrosas e nunca dantes sonhadas invenções, ligam rapidamente Portugal continental ao ultramarino, as gloriosas derrotas da antiga navegação à vela, seguidas pelos experimentadíssimos pilotos portugueses da carreira da Índia, jazem abandonadas no fundo do pego da arqueologia naval...

Coligimos e arquivamos:

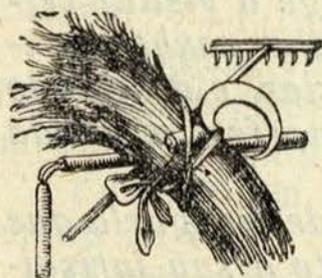
a) — O Licenciado Domingos de Abreu e Brito, que andou por terras angolanas de 1590 a 1591, esclarece-nos que, ao tempo, os mareantes portugueses demandavam os portos de Angola pela rota das naus da Índia, por menorizando: «a mayor parte dos nauios que uão pera Anguolla uão a demandar da linha a trinta graos fazendo o caminho do cabo de boa esperanza ficando Anguolla somente da linha oito graos e dous terços». (Licenciado Domingos de Abreu e

# MISCELÂNEA

— de —

apontamentos velhos e antigos  
— impressões, comentários, crítica —  
nótas à margem  
&  
novidades

## Tempo, saúde...



TEMPO, SAÚDE, DINHEIRO E paciência, muita paciência — tais são os requisitos físicos e morais, além dos intelectuais, com que deve estar e andar capazmente habilitado o investigador da História de Angola, nas buscas e rebúscas nestes Arquivos de Lisboa, tam ricos: por experiência própria sabemos o que dizemos ou escrevemos.

Após os exames, em Julho, das 5 cadeiras do primeiro ano do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, fizemos uma dúzia de visitas ao Arquivo Histórico Colonial da Junqueira até meados de Agosto: ali consultámos todos os códices e papéis avulsos de Angola, de 1820 a 1834, e tirámos os nossos apontamentos.

Na III série desta revistinha, havemos de publicar mais notícias, documentadas, das lútas liberais em Angola e do éco que, ali, teve, em 1822, a independência do Brasil: Luanda e Benguela também se agitaram...

Lisboa. Outubro/1934.

Padre POMBO.

## Origem do nome PÔRTO-ALEXANDRE

Por mais de uma vez nos tinham preguntado — ¿ de onde vem o nome Pôrto-Alexandre ? No códice 543 do Arquivo da Junqueira, à fôlha 55, encontra-se a seguinte nóta, a lapis, de autoria, cremos, do sr. cl. Felner : *O homem que deu o nome a Pôrto-Alexandre.*

Já tínhamos feito referência ao facto, à página 69 da nossa I Série.

Eis o documento :

— *Capitão James Eduard Alexander, súbdito de sua Majestade Britânica.*

*Pâra o Governador de Benguela.*

*Constando a sua Majestade Imperial o Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha, que o Capitão James Eduard Alexander, súbdito de sua Majestade Britânica, por ordem de seu govêrno, se dirige a visitar certos pontos da Africa Oriental, afim de colher conhecimentos tendentes ao adeantamento das Ciências, e desejando o mesmo Augusto Senhor auxiliar esta Emprêsa intentada com tam louvável fim :*

*Há por bem ordenar ao Govêrnador de Benguela que deixe transitar livremente pelo Pais, sujeito à sua jurisdição, o mencionado Capitão James Eduard Alexander, prestando-lhe todos os auxilios de que carecer, pâra que não seja molestado em suas digressões.*

*Paço nas Necessidades, em 18 de Abril de 1834.*

*Francisco Simões Margiachi.*

Certamente, o nome de **Pôrto-Alexandre** recorda o capitão inglês James Eduard Alexander, de que trata o referido documento.

P. P.

## Degredados italianos em Angola

Muitas notícias existem no Arquivo da Junqueira relativas às lévas de degredados Italianos ou Napolitanos pâra Angola, em 1820 e 1821.

Em 11 de Dezembro de 1819, foi assinada uma Convenção entre el-rei dom João VI e o rei das Duas Sicílias, pãra o transporte de Degredados Napolitanos pãra os domínios de Portugal. Tem tal Convenção 9 artigos e não foi ratificada, segundo nota António Valdez.

Ainda não fomos capaz de ver tal Convenção.

No seu Officio número 103, de 19 de Setembro de 1820, pãra o Conde-dos-Arcos, o governador de Angola Manuel Vieira de Albuquerque e Továr escreve o seguinte:

— *Tenho o hõnra de certificar à V. Ex.a que, além dos réus sentenciados a degrêdo pãra êste Reino, cuja relação veio acompanhada do Real Aviso número 96, e transportados na fragata União, foram também entregues os seis Napolitanos, constantes da relação adjunta ao Régio Aviso número 95, ambos os quais têm a data de 12 de Julho do corrente ano, e os fiz distribuir pelos Corpos de Linha desta Guarnição e Presídios dêste Reino.*

A fragata *Venus* também levou 198, para o pôrto de Luanda.

A fragata *Venus* largou do pôrto do Rio-de-Janeiro no dia 7 de Dezembro de 1820, sendo seu comandante José Maria Vieira e cirurgião Agostinho Joaquim Ferreira.

Fundeou em Benguela às 8 horas da noite de 2 de Fevereiro de 1821.

O comandante Vieira escreveu de Benguela o seguinte:

— *Continuaram os Napolitanos em perfeito secêgo até aqui, conservando-se sempre doentes dez e doze, mas, nestes últimos dias, se declararam malignas em três, e, porque o Cirurgião desconfia de suas melhóras e existência, os delxo aqui ficar em Benguela.*

Até 29 de Março de 1821 tinham ido pãra Angola 213 Napolitanos:

A fragata <i>Venus</i> descarregou no pôrto de Luanda.....	198
Deixou em Benguela.....	3
A fragata <i>União</i> .....	6
A galera <i>Amália</i> .....	2
<i>Sam-José Americano</i> .....	2
Bergantim <i>General Régo</i> .....	2

Pâra Golungo foram mandados 15, pâra Muxima 8, pâra Cambambe 10, pâra as Pedras Negras de Pungo-Andongo 15, pâra Ambaca 30, etc.

No seu Ofício número 167, de 27 de Março de 1821, o governador Továr participa ao Conde-dos-Arcos que os Napolitanos começaram a fazer desordens em Luanda e roubos, pelo que resolveu distribuí-los pelos diversos presídios do sertão.

P. P.

### O bispo eleito dom frei Francisco de Santo-Tomás.

Num ofício de 25 de Fevereiro de 1762, o governador de Angola António de Vasconcelos participa pâra Lisboa que havia chegado, no dia 22 do corrente, ao pôrto de Luanda o bispo eleito dom frei Francisco. (Veja-se I série, à p. 29).

Dom frei Francisco não morreu, pois, no mar durante a viagem, mas na cidade de Luanda, em 13 de Agosto de 1762. (Dr. F. de Almeida.— *História da Igreja em Portugal* —tômo IV, parte I, págs. 322 e 550, e parte IV, pág. 343)

Tem retráto a óleo na Galeria dos Bispos, no Palácio Episcopal de Luanda.

P. P.

### Os jesuítas em Angola.

Hoje em dia é sempre arriscada ou temerária a afirmação que se faz a respeito de certos documentos inéditos, mas... que não são inéditos!!!

Os documentos, que foram publicados às paginas 543-555 do volume quinto do *Arquivo das Colónias*, e a que fizemos referências à pagina 188 desta série, encontram-se às paginas 284-325 do tômo segundo da *História do Reinado de El-Rei Dom José e da Administração do Marquês de Pombal*, de Simão da Luz Soriano,

Podem ver.

P. P.



# «DIOGO-CAÃO»

---

(Continuação)

46)

O erudito padre Manuel Ruela Pombo, que durante os anos de permanência em Angola conseguiu com paciência beneditina buscar em arquivos muitos documentos que esclarecem pontos da história de Angola, continua em Lisboa, onde a sua devoção pelas investigações o levou a freqüentar o curso de Bibliotecário-Arquivista, a publicação da sua revista ilustrada de assuntos históricos angolanos, da qual acabamos de receber o número 4.<sup>o</sup> da segunda série.

É seu sumário:

*O arquivo da Câmara Eclesiástica de Luanda — O bispo-eleito D. Leonardo José Vilela — Os bens dos conventos de Luanda, em 1835 — Os três padres Falcões, luandenses — João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros — Os Portugueses e os Ingleses — História brasileiro-lusò-angolano — Três assentos de óbito de governadores de Angola — Moedas ou macutas, simples e carimbadas — O arimo de Bruto ou a actual fazenda de Bom-Jesus, na margem direita do rio Quanza.*

Os números desta esplêndida revista continuam a vender-se nas livrarias Minerva e Lusitana, de Luanda.

(Do *Noticias da Hulla*, de 10 de Março de 1934).

47)

Recebemos os n.ºs 4, 5 e 6 da II.ª série desta interessante revista, que devido à aposentação do seu Director, nosso illustre amigo Sr. Padre Ruela, teve de transferir a sua publicação de Luanda para Lisboa.

Apesar de ter deixado Angola, continua o seu Director a interessar-se sempre com o mesmo amor e carinho pelos obscuros assuntos da História Angolana — trabalho valioso e paciente que é digno dos maiores louvores.

Ao sr. Padre Ruela os nossos agradecimentos.

(Do *Jornal da Creança*, de Luanda, em 17 de Março de 1934).

---

48)

Recebemos o n.º 5, II série, da interessante revista de assuntos históricos, que se publica actualmente em Lisboa, e onde o erudito padre Ruela Pombo continua fazendo o repositório das suas pacientes investigações sobre o passado de Angola.

No numero a que fazemos referencia, cuja remessa agradecemos, o padre Ruela Pombo promete a publicação dos inéditos de Antonio de Oliveira de Cadornega, intitulados de *História General das Guerras Angolanas*, e prossegue no registo dos seus curiosos apontamentos e impressões extraídas da poeira dos arquivos.

(Da *Actualidade*, de Nova Lisboa, em 10 de Março de 1934).

---